

Pessimismo sadio, otimismo doentio e o futuro do Brasil

Kurt E. Weil (*)

Membros do governo avisam que devemos ter fé no futuro (principalmente a partir do segundo semestre de 1984), devemos trabalhar mais, fazer sacrifícios e um futuro brilhante raiará no fundo do poço ou do túnel, ou melhor, no horizonte, com a bonança após a tempestade, ou melhor, "aspera ad astra", como diriam os padres antes de passarem a ser vernacularmente progressistas.

Definitivamente, o Brasil tem possibilidade de sair da atual situação de aguda recessão. E não esquecer que esta foi imposta pelos organismos governamentais para diminuir o consumo e aumentar as vendas externas e diminuir o endividamento interno. Para isso sofremos redução dos salários desde 1979, sofremos desemprego pelas encomendas inexistentes do setor público, temos empresas fechando porque caíram no canto de sereia da operação 63, tivemos de ouvir anualmente mensagens que este seria o último ano de recessão (por que não depressão), e assim aceitamos um imposto de renda, um INPS, uma TRU, etc., cada vez mais altos.

O que induz ao pessimismo é exatamente que, dentro do velho provérbio inglês, "If at first you don't succeed, try, try, try, again", o tratamento da inflação e das dívidas é sempre o mesmo, nenhuma idéia nova, tudo repetitivo, e nada dando certo, a não ser o aumento da dívida externa e a certeza da inflação.

O que induz ao pessimismo é o fato de que o Brasil realmente foi atingido pela conjuntura mundial, um mundo em que mais e mais países tentam vender para menos e menos fregueses, pois só o Terceiro Mundo tem um superávit populacional, mas, infelizmente, não de dinheiro.

O que realmente induz ao pessimismo também é o fato de que os cálculos de fi-

nanciamento da nossa dívida foram realizados com juros negativos, pelo fato de a inflação nos Estados Unidos ter sido maior que o juro real até 1980, e assim conseguimos atravessar até 1979 incólumes, mas depois...

O que induz ao pessimismo é saber que não vamos poder pagar a nossa dívida aos juros atuais — pois o superávit comercial não dá para isso.

O que induz ao pessimismo é observar a juventude, sabendo que terá dificuldade de achar emprego ao entrar na faculdade, qualquer que seja esta, e questionando o sentido de estudar, devido a certos exemplos pouco edificantes de sucesso na vida. Ou ainda observando que quem cumpre o dever fica pagando impostos, enquanto quem souber o fio da meada vive bem, obrigado.

O que induz ao pessimismo é o fato de alguém continuar planejando o crescimento populacional, para enriquecer a periferia, como diriam, de gente e diminuir perifericamente o produto "per capita". Poderiam ter começado em 1964, quando o País tinha 74 milhões de habitantes, a pensar no futuro, mas continuam projetando o crescimento da população ilimitadamente, numa conjunção da direita com a esquerda, e da Igreja, todos a favor da criação de um país rico em população, que não é sinônimo de riqueza e satisfação individual — vide o Japão.

O que induz ao pessimismo é que não se enxergam muitas alternativas, com ou sem eleições diretas, pois a base de uma reativação da economia está em três fatos: renegociação da dívida externa com juros pagáveis; em segundo lugar, reativação interna, de itens sem importação, tais como o metrô, autoestradas, etc., para a qual a produção de bens de consumo a juros acessíveis dariá a saída não inflacionária do dinheiro recebido como salário, semelhante ao New Deal de Roosevelt nos Estados Unidos; e, terceiro, uma inversão de expectativa do povo, de negativo para positivo, como foi em

1965, com a redução de impostos feita pelo embaixador Roberto Campos.

Mas o pessimismo sadio, ao qual me refiro, é exatamente o reconhecimento de tudo que não pode ser, que está errado, e que tem de ser superado. E isso agora está aumentando. Uma entrevista, por exemplo, do tenente-brigadeiro Waldir de Vasconcellos, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, dizendo que "o problema angustiante do País é o excessivo crescimento populacional, cujo índice é 2,48%." "Não podemos conviver com esse crescimento. O Brasil não precisa de quantidade de homens, mas sim de qualidade." O brigadeiro acredita que o Brasil aumentará seu ritmo de produção a partir de 1986/87.

Nota-se que estamos criando uma demanda reprimida: aparelhos de TV,

carros, etc. não substituídos. Estamos criando uma demanda não satisfeita de sonhos de ter uma velhice sem ficar preocupados com frases sobre redução ou atraso da aposentadoria. O otimismo doentio seria acreditar que trabalhando o mundo vai comprar os nossos produtos. Ao contrário, o protecionismo cresce. O otimismo doentio está em acreditar que com demagogia chegaremos a algum resultado, sem que se planeje, sem que se tentem soluções diferentes. Eu lançaria o brigadeiro Vasconcellos como meu candidato à Presidência, só pelo fato de ter enxergado que vamos continuar sofrendo, mas que uma das causas disso pode ser combatida. Mas este artigo não é político, é simplesmente para lembrar os maxifatores negativos da nossa vida. Os minifatores são ain-

da mais irritantes no dia-a-dia, mas não têm importância no quadro geral.

Um ponto de otimismo para todos nós é o sucesso de aumentar a extração de petróleo e gás do nosso subsolo. Isso permitirá aumentar o superávit comercial e diminuição da dependência numa futura renegociação da dívida externa. Um ponto de otimismo, não suficientemente proclamado, é o aumento de nossa produção de metais não-ferrosos. E quando alguém ficar consciente de que tecnologia nacional e tecnologia aproveitada aqui, venha de onde vier, a dependência técnica diminuirá. Evidentemente, microfatores como o eventual fechamento de uma fábrica de chips ou transistores em Minas Gerais devem ser lamentados.

E assim, resumidamente, entraremos em 1985 até

com esperança. Esperança que está na mudança da maneira de encarar os fatos, de ver o negativo onde o negativo está, e pensar positivamente, mas diferentemente. A mudança de procedimento é necessária. A atual técnica usada me lembra dos generais alemães e franceses da Primeira Guerra Mundial 1914-18: repetir ataques frontais, "sangrar o inimigo, sangrando", repetir ataques frontais, repetir ataques frontais, sempre sem sentido, até o esgotamento final de um dos beligerantes.

Não deu resultado na Primeira Guerra. Não dará resultado agora. Devemos procurar alternativas.

(*) Professor e decano da Congregação da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas.